

À vossa proteção recorreremos: Uma análise do simbolismo presente no ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

*To You Protection We Flee:
an analysis of the symbolism present in the Icon of Our Lady
of Perpetual Help*

Alan Marques de Pinho

Resumo

O presente artigo analisa a relação entre simbolismo religioso e arte sacra a partir do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Parte-se da distinção conceitual entre arte religiosa e arte sacra para compreender a função de culto do ícone, destacando seu papel na transmissão de ensinamentos de fé e na formação da devoção. Neste sentido, o ícone é compreendido como uma “janela para o divino”, cuja finalidade é tornar perceptível a beleza teológica contida na Sagrada Escritura e na Tradição. Metodologicamente, a pesquisa assume um caráter teórico e bibliográfico, dialogando com autores como Cláudio Pastro (2010) e Wilma Steagall de Tommaso (2013) para discutir pontos centrais sobre história e arte. Isto posto, os resultados da pesquisa indicam que o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro contempla mistérios centrais da fé cristã e fomenta a espiritualidade dos fiéis configurando-se como instrumento de comunicação teológica e fixação de ensinamentos dogmáticos.

Palavras-chave: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mistério. Arte sacra. Ícone.

Abstract

This article analyzes the relationship between religious symbolism and sacred art using the icon of Our Lady of Perpetual Help as a starting point. It begins with the conceptual distinction between religious art and sacred art to understand the icon's function in worship, highlighting its role in transmitting teachings of faith and fostering devotion. In this sense, the icon is understood as a “window to the divine”, whose purpose is to make perceptible the theological beauty contained in Sacred Scripture and Tradition. Methodologically, the research adopts a theoretical and bibliographical character, engaging with authors such as Cláudio Pastro (2010) and Wilma Steagall de Tommaso (2013) to discuss central points on history and art. Therefore, the research results

indicate that the icon of Our Lady of Perpetual Help contemplates central mysteries of the Christian faith and fosters the spirituality of the faithful, configuring itself as an instrument of theological communication and the fixation of dogmatic teachings.

Keywords: Our Lady of Perpetual Help. Mystery. Sacred art. Icon.

Introdução

No século VIII, São João Damasceno dizia: “A beleza e a cor das imagens estimulam minha oração. É uma festa para os meus olhos”¹.

A religião católica – especialmente em suas expressões litúrgicas – continuamente atribuiu à estética um papel central como estandarte de símbolos religiosos. Os vitrais das grandes catedrais, os ornamentos tintos de ouro nas igrejas, as pinturas sacras e outros elementos iconográficos funcionam como mediações sensíveis do sagrado estruturando a experiência religiosa do fiel. Desde uma celebração religiosa realizada em uma pequena capela de uma comunidade rural, até as grandes Missas Solenes com procissões, incenso, paramentos e imagens, a estética católica comunica os ensinamentos da fé cristã.

Tal simbolismo cristão presente na estética artística contém mistérios de fé, como a lembrança da cruz, a glória dos santos, as parábolas de Jesus ou a maternidade de Maria. Logo, de acordo com Burckhardt², o símbolo religioso é, de certo modo, aquilo que ele exprime, não é só uma representação, mas um elemento material de devoção e culto, principalmente no que tange a Arte Sacra.

Para tanto, a pesquisa vigente busca analisar essa interseção entre simbolismo (ensinamentos e mistério de fé) e arte sacra presente no ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Quais os símbolos presentes neste ícone? Quais os mistérios contemplados? E acima de tudo, qual ensinamento religioso determinada arte propõe divulgar?

Para responder ou antes levantar hipóteses diante de tais perguntas, esta pesquisa metodologicamente faz uso das contribuições de estudiosos da história da arte como Cláudio Pastro³ e Wilma Steagall de Tommaso⁴ dentre outros autores que dialogam sobre arte, história e religião para estabelecer um pano de fundo para uma análise possível sobre o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

De forma estrutural o artigo é dividido em três seções. Na primeira seção do trabalho, busca-se mapear o sagrado presente na arte sacra. A partir de uma diferenciação conceitual entre arte religiosa e arte sacra, postula-se alguns pressupostos científicos para compreender a função dessa arte na religião cristã e na mediação do fiel para um contato com o sagrado.

Em um segundo momento, evidencia-se os ícones enquanto arte sacra e sua caracterização simbólica em matéria de divulgação doutrinal e devocional, trazendo,

¹ DAMASCENO, J., Contra os iconoclastas.

² BURCKHARDT, T., A arte sagrada no Oriente e no Ocidente.

³ PASTRO, C., A arte no cristianismo.

⁴ DE TOMMASO, W. S., O Pantocrator de Claudio Pastro.

por fim, um panorama da história do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Por último, volta-se para a análise do simbolismo presente no ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, concluindo todo o arcabouço teórico construído em uma aplicabilidade prática diante do ícone. Demonstrando, por fim, uma das diversas possibilidades de estudo diante deste ícone, bem como a exposição de uma proposta metodológica para as áreas de História da Arte e Ciências da Religião para novas pesquisas.

1. Catolicismo e imagens: o sagrado como elemento palpável

Segundo Scomparim⁵, o cristianismo se sustenta na relação entre dois polos: o divino transcendental e o humano terreno. Esta relação entre o sagrado e o profano dentro da religião cristã se dá por mediações que conduzem o fiel às experiências celestes, seja por um objeto sagrado, uma história de um santo, exercícios devocionais e as próprias imagens que constroem uma prática piedosa. Um objeto ou espaço, ao ser consagrado, torna-se um meio de difusão de dogmas, crenças e espiritualidades que emergem do mistério do sagrado.

Para compreendermos melhor, localizamos a arte enquanto esse objeto (que faz alusão à religião), sendo necessário, assim, adentrarmos no campo da história da arte para diferenciarmos dois conceitos importantes: arte religiosa e arte sacra. Para analisarmos enfim o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro a partir de um pano de fundo melhor delimitado.

1.1. Arte Religiosa

A arte religiosa é uma produção que surge da experiência pessoal do fiel com o sagrado, deste modo, há um movimento pessoal do artista ao relatar uma imagem religiosa. “Diante de uma imagem de devoção se sente a personalidade de um homem determinado. O que comove e subjuga é o ímpeto da experiência expressa na imagem e a grandeza da obra; assim, se estabelece um entendimento de pessoa para pessoa”.⁶ Ela, assim, mantém os valores da religião, mas não é destinada ao culto, e sim para refletir a vida e a experiência pessoal do artista diante de um assunto religioso específico.

À título de exemplo, olhemos a seguinte imagem:

⁵ SCOMPARIM, A. F., A iconografia na Igreja Católica, p. 11.

⁶ DE TOMMASO, W. S., O Pantocrator de Claudio Pastro, p. 220.



Figura 1 – The Wise and Foolish Virgins, Peter von Cornelius⁷

A pintura do inglês Peter von Cornelius, feita no século XIX, é uma típica arte religiosa, visto que a sensibilidade humana e interpretativa escapa às proposições dogmáticas da parábola das dez virgens. O artista retrata Cristo como o noivo e São Pedro (com as chaves celestes, tal qual ele é representado em outras artes) abrindo as portas para a chegada dele, além dos elementos e seres celestiais percebidos também no contraste entre luz e sombra. No entanto, podemos nos perguntar: onde está escrito no relato bíblico tais elementos? Onde se afirma um cortejo celeste seguido da figura de São Pedro na narrativa da parábola ou até posteriormente? É fato para um cristão a associação do esposo que chega na parábola ao Cristo Glorioso que virá, mas o relato fiel e narrativo bíblico não descreve estes elementos como constitutivos da própria parábola contada por Jesus.

Sem juízo de valor algum nesta análise, para além da evidenciação da interpretação pessoal, podemos afirmar que a preocupação do artista nessa arte não é confirmar uma verdade objetiva de fé, mas sim demonstrar a sua experiência subjetiva diante da passagem bíblica descrita nos evangelhos. Valendo-se de elementos artísticos e da sua própria liberdade para produzir sua obra e o decorrente sentimento religioso.

Observemos agora o que é considerado a arte sacra:

⁷ CORNELIUS, P. von., 1813–1816. Óleo sobre tela, 114 × 153 cm.

1.2. Arte Sacra

Em contrapartida, a arte sacra é a arte sobre o próprio mistério divino destinada ao culto por parte dos fiéis. A produção de uma arte sacra procede do ser objetivo de Deus, em outras palavras, a imagem da arte sacra se coloca a disposição e serviço do próprio Deus enquanto verdade e mistério⁸. A arte sacra é uma imagem que contempla o mistério⁹ divino – como o mistério da encarnação, ressurreição ou da virgindade de Maria – na mesma medida que reafirma uma verdade de fé, dogma ou crença sobre determinado assunto sagrado, recebendo, por fim, uma destinação de culto ao sublime, uma espécie de aura¹⁰. O “aqui e agora” da arte sacra é a aura do sublime mistério da fé, ela transpõe para o presente uma realidade eterna, constrói pontes do profano para o sagrado, do *chronos*¹¹ para o *kairós*¹², reconhecidas em cada detalhe, cor, traço e sombra.

Vejamos um exemplo de arte sacra:

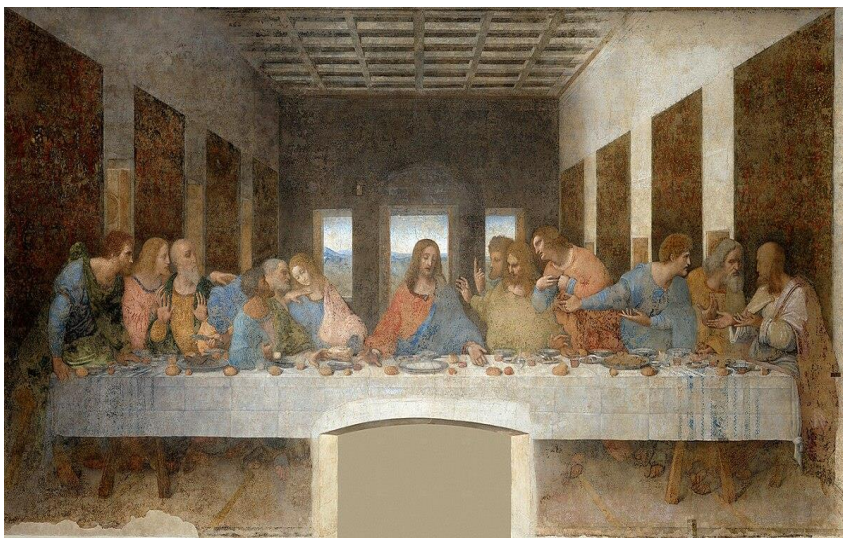


Figura 2 – A Última Ceia, de Leonardo da Vinci¹³

O capítulo 13 do Evangelho de João retrata o início do mistério da paixão de Cristo – caracterizando o momento da última ceia ao relatar a inquietação com o anúncio de um traidor (Judas Iscariotes), e do mesmo modo a pintura da Última Ceia

⁸ PASTRO, C., A arte no cristianismo.

⁹ Compreende-se mistério a partir da conceituação de Sagrado postulada por Rudolf Otto, *Mysterium Tremendum e Fascinans*. OTTO, R., *O Sagrado*.

¹⁰ Aura em toda sua unicidade. BENJAMIN, W., *Magia e técnica, arte e política*, p. 167.

¹¹ Tempo linear, sequencial e que pode ser medido (cronológico).

¹² Tempo oportuno, momento certo, tempo de Deus (eternidade).

¹³ DA VINCI, L., 1495–1498.

(1495-1498) de Leonardo da Vinci retrata de forma fidedigna a inquietação dos discípulos e Judas com um saco de moedas em sua mão, eis aqui um prenúncio da traição a Jesus tal qual a narrativa de João que já anuncia para o leitor quem é o traidor – além disso há três janelas atrás de Jesus e diversas alusões ao número três representando o mistério da Santíssima Trindade. “Leonardo da Vinci representou nessa obra prima o que o próprio João descreve no seu Evangelho”.¹⁴

Os dois tipos de arte se diferenciam em teor e função. Enquanto a arte religiosa é vista como o relato da *experiência* do crente diante da religião ou do divino, a arte sacra é o relato do próprio *mistério* divino, onde está presente o Outro e é destinada ao culto Dele. Enquanto a arte religiosa não necessariamente está em conformidade com os pressupostos dogmáticos de uma religião, “a arte sacra contém algo incondicionado. Está em relação com o dogma, com o sacramento, com a realidade objetiva da Igreja”¹⁵, é uma arte destinada à liturgia e ao culto. A grande diferença nos dois tipos de arte não se encontra no tema, mas na subordinação¹⁶ e função da arte representada.

A Igreja se constitui doutrinariamente pela Sagrada Escritura e pela Tradição, pelos Sacramentos e pelo Magistério, sendo a arte sacra compreendida como mediação pedagógica e catequética (esculturas de Nossa Senhora, pinturas dos santos ou do Cristo). Enquanto o protestantismo se propaga pela cultura da palavra e suas consequentes orientações e mistérios de fé, o estandarte reformador católico sobrevive nas imagens e sua capacidade de comunicação entre o sagrado e o profano como mediação dos mistérios e dogmas já estabelecidos pela Sagrada Escritura e Tradição.

De acordo com o historiador Peter Burke¹⁷, a Reforma Protestante é marcada pela tradução da Bíblia. O costume de cantar salmos e a criação de um catecismo baseado na dinâmica de perguntas e respostas, o artifício de utilizar cantos e a valorização da língua, leitura e escrita são os mecanismos efetivos para a transposição da cultura profana para a sagrada pelo meio protestante. Os sermões advindos do protestantismo eram carregados de um apelo emocional à conversão baseado estritamente nas sagradas escrituras.

Por outro lado, a Reforma Católica valorizava a imagem. Neste sentido, a cultura da imagem e a elaboração de novos santos torna-se uma estratégia da Igreja Católica para conquistar para si os leigos. Diferentemente da prática protestante ligada à leitura e um apelo à disseminação de textos nos espaços religiosos, a Igreja Católica apoia-se na difusão de imagens nos próprios templos refletindo a dicotomia da glória de Deus e dos tormentos do fim de mundo dentro de uma lógica simbólica de mistério.

O trabalho de transpor o culto ao mistério das escrituras para o mistério contido nas artes sacras fora tão trabalhoso quanto a própria tradução das sagradas escrituras para a divulgação da fé cristã, deste modo, a correlação entre mistério e arte sacra equivale para o católico moderno o mesmo mistério da sagrada escritura.

Peguemos exemplos prático para uma melhor compreensão: os oratórios particulares das senhoras católicas, o crucifixo que faz parte do cordão de um estudante

¹⁴ HOPHAN, O., João, o discípulo amado, p. 20.

¹⁵ DE TOMMASO, W. S., O Pantocrator de Claudio Pastro, p. 220.

¹⁶ Ela está a serviço do artista ou do dogma religioso?

¹⁷ BURKE, P., Cultura popular na idade moderna.

de um colégio confessional, o terço mariano que as noivas carregam nos altares matrimoniais, a disposição de imagens de santos nas ordens, hospitais, catedrais e universidades, são todos modelos de um mistério de fé contido nessa arte sacra. Ora um objeto carrega um símbolo de oração, outro uma identificação com a fé da religião, outro é visto como um símbolo de proteção. Independentemente da utilização prática desse tipo de arte, ela carrega uma simbólica de sentido religioso para aquele que a usa.

Em suma, o culto ao mistério contido nas imagens favorecem uma rápida e eficaz proliferação de ideais cristãos/católicos para os seus fiéis, as imagens, as pinturas, os quadros e esculturas sacras são um artifício espiritual valioso para os cristãos meditarem sobre os assuntos celestes e estarem em conformidade com a própria Igreja, é, assim dizendo, o sagrado como um elemento minimamente palpável.

Deste modo, a arte sacra, diferentemente da arte religiosa, serve a um fim maior do que ela mesma, carrega simbolismo e o mistério divino, tentando de alguma forma aproximar-se do sagrado. A arte religiosa não tem um lugar específico, ela circula entre museus, escritórios, quartos e nas relações seculares. Ela serve ao artista, ao fiel que a vê e ao belo que deriva dela, manifestando a interpretação artística sobre um assunto religioso. Doravante, a arte sacra reside em um lugar de culto, geralmente nos templos, catedrais ou oratórios particulares (ou os famosos “altarzinhos” religiosos das famílias e das senhorinhas). Ela se mantém fiel ao que propõe: ser um objeto de devoção diante do mistério divino levando o fiel à oração. Essa arte serve a Deus, manifestando um dogma ou uma crença religiosa.

Claro que ambas são passíveis de interpretação pessoal do próprio artista, a diferença reside na evidenciação dessa interpretação: o primeiro plano da arte é a liberdade da experiência pessoal ou o culto à um mistério de fé? Tal questionamento delimita o que poderia ser considerado arte religiosa e arte sacra.

Dentro dos moldes científicos construídos – tendo ciência de que outros estudos podem estipular novas perspectivas sobre a temática – do que define uma arte como sacra, encontra-se o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como o relato de um mistério de fé católico. Destarte, nas próximas seções analisaremos a história do próprio ícone e do simbolismo presente nesta arte sacra.

2. Ícones da Mãe de Deus: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

A ideia secular de que “uma imagem fala mais do que mil palavras”, advinda do pensamento de Confúcio em relação aos ideogramas, encontra um sentido particular na representação da imagem para os católicos. Verdadeiramente uma imagem consegue “falar”, ou melhor, comunicar diversas orientações ou regras sem mesmo proferir uma única palavra sequer. Da mesma forma que uma imagem de coração simboliza o amor em diversas camadas, nas igrejas uma imagem de Santo Antônio (o grande santo casamenteiro) com o menino Jesus no colo comunica a intercessão pelos casais ou pelos solteiros angustiados por um amor matrimonial. Ou ainda uma imagem de comida que sinaliza um espaço adequado para refeição em um *shopping*, a famosa praça de alimentação, também uma pintura da Hóstia Consagrada dentro da igreja comunica o espaço de refeição do fiel católico, a mesa do pão do céu que é preparada na Santa Missa.

Estas imagens, enquanto arte sacra para os cristãos, comunicam dogmas, graças especiais e inspiram orações, não são meras imagens comunicativas, mas sem dúvidas ícones de fé.

Isto posto, para uma melhor análise do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, devemos primeiro responder a pergunta: o que é um ícone?

Ícone vem do grego *eikón* = imagem, mas habitualmente a palavra é empregada para designar pinturas com temas religiosos, feitas com uma técnica particular e, sobretudo, segundo uma tradição eclesial que fixou seu conteúdo, fazendo dele um “sacramental”, isto é, um sinal portador de graça.¹⁸

Com efeito, o ícone é mais do que uma imagem com temática religiosa, é verdadeiramente uma arte sacra, uma obra destinada ao culto litúrgico, ela professa uma verdade de fé, é uma linguagem que equivale a tradição escriturística sacramental da própria igreja. É por si só uma revelação da eternidade dentro do tempo.

Apesar da distinção importante que o cristianismo ortodoxo faz entre ícone e imagem – onde o ícone é uma representação sagrada, geralmente pintada sobre madeira bidimensional, e a imagem é apenas uma escultura tridimensional, sem o aspecto sacramental do ícone – para a Igreja Ocidental, ambos, enquanto arte sacra, tem o mesmo valor, visto que o uso das imagens religiosas (sejam pinturas, esculturas e vitrais) é mais amplo do que na tradição oriental, abarcando a sacralidade também nesses modelos distintos do ícone – apesar da tradição reconhecer a nomenclatura “ícone” especificamente para arte sacra nos estilos bizantinos e orientais.

Dessa forma, seja um ícone bizantino ou a imagem de algum santo, ambos são portadores da graça, objetos sagrados que conduzem ao mistério divino.

O conteúdo da Sagrada Escritura é transmitido ao ícone não sob a forma de um ensino teórico, mas de maneira litúrgica, isto é, de modo vivo, dirigindo-se a todas as faculdades do homem. A verdade contida na Escritura nos é transmitida à luz de toda a experiência espiritual da Igreja e da sua Tradição.¹⁹

A partir do pensamento do pintor e historiador Leonid Ouspensky, o fiel católico ao se debruçar diante de um ícone ou escultura sacra não procede com o entendimento, mas com o coração. O propósito desta arte sacra, para além de transmitir os ensinamentos cristãos, é despertar a devoção e veneração servindo como auxílio para oração, uma verdadeira janela para observar o divino.

No que diz respeito aos ícones referentes à Virgem Maria, a religiosa Maria Donadeo²⁰ traça uma topografia das decorrentes representações que nos ajudam a compreender melhor essa iconografia. Segundo a tradição cristã, o Apóstolo Lucas teria sido um dos primeiros artistas a retratar a Mãe de Deus com o seu filho logo após Pentecostes, recorrendo à memória do passado tal qual o início de seu evangelho. Apesar de carecer de evidências históricas de que realmente o discípulo tenha pintado um ícone

¹⁸ DONADEO, M., Ícones da Mãe de Deus, p. 11.

¹⁹ OUSPENSKY, L., La théologie de l'icône dans l'Église orthodoxe, p. 121.

²⁰ DONADEO, M., Ícones da Mãe de Deus, p. 14.

mariano ainda venerado hoje, certamente, algumas obras dos anos seguintes à sua morte foram inspiradas em seus textos ou até mesmo em um possível esboço de um ícone mariano.

Os ícones de Cristo e sua Mãe aparecem no final dos primeiros tempos do Cristianismo, “algumas das primeiras imagens relativas à Maria que se tem notícia remetem o primitivismo cristão e provém da Catacumba de Santa Priscila, em Roma”²¹, não obstante, relatos sobre a infância de Maria, a Anunciação do Anjo Gabriel, Imaculada Conceição e Paixão de Cristo “mil e uma maneiras de representar *Theotokos*”²² foram comuns até a Idade Média. De modo particular, o oriente nutriu uma devoção especial diante de Nossa Senhora, e os ícones sobre a *Theotokos* foram amplamente divulgados na arte bizantina ocupando um lugar único na cristandade do oriente.²³

Neste contexto bizantino surge o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como transmissão de ensinamentos da fé cristã e uma janela de devoção. Para tanto, nos interessa agora compreender como surgiu o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e qual a história da sua devoção.

O ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é uma pintura em madeira, com 54 centímetros de altura por 41,5 de largura. Provavelmente pertencia à Igreja Ortodoxa, conforme assinala sua semelhança com os diversos ícones dessa igreja.²⁴ Segundo a tradição, acredita-se que foi feito entre os séculos XIII e XV.

Quando o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi encontrado, não tinha nenhuma assinatura, o que era comum na época. As informações que existem sinalizam que pertence à escola cretense e que, provavelmente, foi pintado por um monge da região de Creta.²⁵

A imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro não tem autoria conhecida – o que era comum na época – e as informações quanto a sua confecção se encerram na própria escola cretense.²⁶

Tradicionalmente, conta-se que no século XV após ser roubado por um comerciante do altar onde estava, na ilha de Creta, o ícone foi levado de navio até Roma e escapou milagrosamente de uma tormenta em alto mar. Chegando em terra firme, o comerciante caiu em enfermidade, e arrependido, já em seu leito de morte, pede ao seu amigo que devolva o ícone para o lugar de onde foi roubado. Não cumprindo a promessa, alguns anos se passaram e novas famílias tornam-se portadoras desta arte sacra.

De acordo com os Redentoristas, acredita-se que a Virgem Maria apareceu a uma menina de 6 anos, oriunda da família de quem estava com o ícone em mãos. Após a aparição, a menina, às ordens de Maria, avisou sua mãe e sua avó sobre a necessidade de levar o quadro até a Igreja de São Mateus em Roma. Em obediência, o ícone foi devolvido e exposto na igreja em 1499, inaugurando um período de 300 anos de devoção ao Perpétuo Socorro da Santíssima Virgem. Anos mais tarde, a Igreja destinada ao apóstolo Mateus foi destruída e a imagem, apesar de ter sido retirada e

²¹ MIRANDA, A. M. C., Iconografia mariana, p. 14.

²² LELOUP, J.-Y., O ícone, p. 92.

²³ PELIKAN, J., Maria através dos séculos.

²⁴ PASSARELLI, G., O ícone da Mãe de Deus.

²⁵ COSTA, C. G., Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o arquétipo feminino, p. 73.

²⁶ COSTA, C. G., Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o arquétipo feminino.

preservada, ficou esquecida até o século XIX quando foi entronizada na Igreja de Santo Afonso, onde permanece até hoje.

De arte sacra roubada, divulgada e esquecida, hoje o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornou-se emblema para a congregação dos Redentoristas e objeto de devoção por meio de novenas e preces direcionadas ao socorro eterno e contínuo da Mãe de Deus. Nesses passos, a congregação difunde até na contemporaneidade a devoção pelo mundo, reproduzindo a Novena e o ícone por onde passam.

Como anunciado, o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é repleto de simbolismos e significados arquetípicos, abarcando crenças e devoções variadas. Deste modo, na próxima e última seção discutiremos o simbolismo presente neste ícone e quais os mistérios contemplados nesta arte sacra.

3. À vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus: o simbolismo presente no Perpétuo Socorro

Por dezenove séculos os cristãos proclamam: “À vossa proteção recorremos. *Theotokos*, Santa Mãe de Deus! Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, ó virgem gloriosa e bendita”²⁷. Por quase dois mil anos estes sujeitos recorrem ao perpétuo socorro e ao colo da mãe de Deus nas maiores dificuldades de sua vida.

O mistério do cuidado e da maternidade divina de Maria nem sempre foi um dogma, mas sempre fora um sentimento de devoção presente no cristianismo primitivo. No ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro esse mistério é remontado, tanto na disposição dos elementos presentes na arte, quanto no próprio nome original da obra, chamada de “A virgem da paixão” ou propriamente de “*Theotokos*”.

Retornando para a discussão primordial desse tópico sobre o simbolismo presente no ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, podemos nos perguntar: quais mistérios esse ícone nos revela? O que ele nos comunica em matéria de devoção? Qual a pedagogia religiosa dessa arte? Para tentar responder estes questionamentos, valem da separação entre os três mistérios presentes na obra: o mistério da Encarnação, a Paixão de Cristo e o socorro da Mãe de Deus, para propor, ou ao menos tentar, uma análise dos símbolos contidos no ícone.

²⁷ Primeira oração destinada a Nossa Senhora datada do século III, encontrada em fragmento de papiro no Egito em 1927.



Figura 3 – Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro²⁸

3.1. O mistério da Encarnação

Primeiramente, o ícone em questão anuncia o Cristo Encarnado²⁹. Jesus Cristo, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, não significando que era em parte humano e em parte divino, mas que tinha completamente as duas naturezas em seu Ser.

Como o Catecismo da Igreja Católica revela, é um acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus, “não é o resultado de uma mistura confusa do divino e do humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus”³⁰. Desta forma, o ato de representá-Lo, de qualquer forma ou jeito, já remonta o escrito de João “o verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Para além disso, a representação de Jesus enquanto o “menino Deus” no colo da Mãe demonstra a vulnerabilidade do humano – toda a necessidade de cuidados que um ser humano necessita em sua tenra idade –, e, na mesma medida, a centralidade da figura de Jesus na obra representa a divindade e importância Dele nesse mistério. Com a mão aberta a Virgem indica Jesus Cristo como o Redentor, o próprio Deus Encarnado

²⁸ ÍCONE BIZANTINO DA ESCOLA CRETENSE, c. século XV-XVI. Têmpera sobre madeira, 54 × 41,5 cm.

²⁹ É o mistério que revela que Deus entra na história se encarnando e fazendo-se homem, plenamente Deus e plenamente homem como o credo da Igreja Católica proclama: “e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem”.

³⁰ CEC 464.

e o elemento mais notório da obra.

É evidente que a figura de Maria é de suma importância no ícone, não à toa o título do quadro leva o nome da Mãe de Deus relacionado ao mistério de seu Filho. Não obstante, curiosamente, os ícones só subsistem por conta do mistério da Encarnação intimamente ligado ao da *Theotokos*. Como poderia ser representado um Deus invisível de uma forma visível? Como um Deus nunca antes visto poderia adquirir traços de uma fisionomia humana na história da arte cristã? Para tais perguntas, São João Damasceno popularizado por São Teodoro Studita responde sem hesitar que:

Cristo, enquanto nascido do pai indescritível, não pode ter imagem. Com efeito, que imagem poderia corresponder à Divindade, cuja representação é absolutamente proibida pela Sagrada Escritura? Todavia, uma vez que Cristo nasceu de uma Mãe descritível, Ele naturalmente tem uma imagem que corresponde à de sua Mãe. E se não pudesse ser representado pela arte, dir-se-ia que nasceram apenas do Pai e que não encarnou.³¹

Ou seja, a fisionomia da Virgem Maria é o que condiciona uma representação do próprio Cristo nos ícones religiosos e no ícone em questão. O Indescritível encontra em Maria, por sua plena vontade, sua descrição. Eis aqui, de acordo com a tradição, uma das evidências de Maria como a Mãe de Deus Encarnado, aquela que concede uma fisionomia e participa do mistério da Encarnação do Verbo Divino representado em tantos ícones.

Em matéria pedagógica, o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro contempla o mistério da Encarnação do Verbo e sua ligação com a maternidade de Maria, transmitindo tanto o dogma da vinda de Cristo quanto a devoção a Nossa Senhora.

3.2. O mistério da Paixão

Um segundo ponto de atenção que a arte nos revela é o mistério da Paixão de Cristo. Para prosseguir com a nossa análise, respondamos primeiro o que significa esse mistério.

A Paixão de Cristo refere-se aos eventos de sofrimento e morte de Jesus inserindo-se dentro do grande Mistério Pascal. O Mistério Pascal contempla tanto a morte quanto a ressurreição de Jesus, os quais, teologicamente, são inseparáveis, visto que pela morte vem a salvação da humanidade, e pela ressurreição, a consumação da redenção.

Não obstante, a vinda do Messias, esperada pelo judaísmo, e as profecias sobre aquele que carregaria os pecados da humanidade encontram, na figura de Cristo e em sua Paixão, sua realização plena. Destarte, sobre o mistério da paixão o Catecismo da Igreja Católica³² novamente instrui aos fiéis dizendo que “na cruz Se ofereceu como hóstia viva, santa e agradável a Deus, e cujo sangue se tornou instrumento de propiciação pelos pecados de todos os homens”.

Para tanto, percebemos gravado no ícone anjos carregando os instrumentos da paixão como um anúncio de que aquele menino Deus veio ao mundo para vivenciar esse momento de dor. Na esquerda encontra-se São Miguel Arcanjo levando em mãos

³¹ DAMASCENO, J., *Contra os iconoclastas*.

³² CEC 1366.

a lança, a vara com a esponja e o cálice da amargura de Cristo. E a direita São Gabriel Arcanjo apresentando a cruz e os cravos que seriam os materiais propriamente ditos da morte de Jesus.

Tal apresentação gera uma inquietação natural no menino, suas mãos buscam aconchego e seus olhos acompanham a introdução da Cruz na obra. O ícone contempla o Cristo que irá sofrer para expiar os pecados de um povo e revive ainda as profecias do Antigo Testamento que diziam: 1. “Transpassaram-me as mãos e os meus pés” (Sl 22,16, representado nos cravos e na cruz); 2. “por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre” (Sl 69,21, que corresponde a vara com a esponja). Além da introdução do cálice o qual Jesus faz menção nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

Os exemplos são variados e a referência da Paixão de Cristo é evidente no ícone, contendo em sua arte o mistério dual da vida e morte.

“A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação”³³, desse modo, representar o nascimento e o prenúncio da morte, contempla, em um único ícone, dois mistérios que ditam a vida do próprio Cristo.

3.3. O socorro da Mãe de Deus

Acima da cabeça de Nossa Senhora encontram-se, em grego, as letras “MP ΘΥ” que são uma abreviatura da “Mãe de Deus”, aquela que deu a luz ao Divino Filho de Deus e que cuidou e o socorreu em toda a sua humanidade. O mistério contido neste ponto, não é só dogmático em quesito da maternidade divina, mas sim devocional no que diz respeito ao cuidado de mãe diante de um filho – que é o Cristo representando também os fiéis.

As pequenas mãos do menino Jesus, em plena confiança, estão inclinadas sobre a mão da Virgem Maria. Sua sandália arrebitada representa a corrida desesperada do Filho para o colo de sua mãe. Seu olhar perdido e assustado direcionado para os anjos encontram contraste no olhar materno fixo e cheio de ternura da Virgem que olha para o espectador fora do quadro com a serenidade de quem sabe para que o Filho veio ao mundo. De forma simples e cotidiana, este ícone apresenta Maria como o socorro do Filho em sua humanidade diante daquilo que o esperava.

Não obstante, o ícone convida quem o vê para uma relação de devoção particular a Maria, despertando no fiel uma atitude de abandono ao aconchego da Mãe tal qual Jesus teve em sua infância. Desse modo, tal arte exalta Maria como intercessora e também mãe dos cristãos, transmitindo o ensinamento de rezar para ela solicitando que leve seus pedidos a Deus e auxilie em todos os momentos da vida como a oração que diz “agora e na hora de nossa morte”.

Fazendo um paralelo com a poética conversa com Nossa Senhora composta pela poetisa Mary Dixon Thayer em 1926 e divulgada pelo Venerável Fulton Sheen na década de 1950, a “Lovely Lady dressed in blue” é aquela ao qual o socorro é muito certo para seus filhos.

³³ CEC 607.

Segue a apresentação da poesia.

Amável Senhora vestida de azul, ensina-me a rezar!
Deus Se fez teu filho pequenino, diga me o que falar!
A Senhora O levantava às vezes, gentilmente em seus joelhos?
Cantava para Ele como mamãe cantava pra mim?
As suas mãozinhas, segurava?
A Senhora já tentou contar a Ele histórias do mundo?
E Ele chorava?
Você acha que Ele se importa se eu disser algumas coisas? Apenas algumas coisas que acontecem?
As asas dos anjos fazem barulho?
Ele pode me ouvir se eu falar baixinho?
Ele pode me ouvir agora?
Diga-me pois a Senhora sabe
Amável Senhora vestida de azul, ensina-me a rezar!
Deus era apenas o seu garotinho, e você conhece o Caminho.³⁴

Receber Maria como mãe torna-se premissa para os católicos. Se o próprio Cristo recorreu ao seu socorro, pois então seria hipocrisia um cristão também recorrer a ela? De modo algum. O próprio ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro reconstrói a antiga devoção da oração “À vossa proteção recorreremos” e convida ao devoto a abandonar-se no socorro daquela que conhece o caminho.

Por fim, a figura materna de Maria no ícone é representada com as cores vermelha e azul revelando o mistério da maternidade e virgindade. O manto azul é símbolo de pureza e fé (cor que as virgens no tempo de Jesus utilizavam) e a túnica vermelha é sinal de maternidade e amor. A junção das cores, enfim, realçam a dualidade vivenciada por Nossa Senhora como virgem e mãe.

Em suma, determinados simbolismos presentes no ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornam-se mecanismo de ensinamento catequético e instrumento de divulgação devocional. O ícone faz com que o sagrado seja minimamente palpável ou “consumível” na mesma medida que fortalece um sistema de crença específico de acordo com a contemplação dos mistérios de uma fé.

Conclusão

Esta pesquisa buscou analisar o sagrado como elemento palpável no ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, destrinchando tanto a transmissão de uma verdade de fé através de uma arte sacra quanto o caráter devocional que tal arte desperta.

Os pressupostos científicos estipulados para diferenciar arte religiosa e arte sacra são de grande valia não só para análise proposta pelo artigo vigente, mas para novas discussões acerca do papel deste tipo de arte na religião cristã. Destarte, evidentemente o catolicismo se constitui como uma religião da arte sacra e apelo ao belo. Não obstante, como visto no presente artigo, este mecanismo de apelo é deveras efetivo, pois captura o

³⁴ THAYER, M. D., The child on his knees, p. 25. Tradução nossa.

fiel para uma transcendência diante do sagrado, tornando-o algo consumível e, de alguma forma, descritível (seja por meio da cruz, terço, pinturas, ou pelos próprios ícones).

Deste modo, percebemos que um ícone ou uma arte sacra por si só são elementos que fortalecem a coesão doutrinária de uma fé, estão em conformidade com os pressupostos dogmáticos e propagam uma devoção específica. No caso do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os mistérios da Encarnação e Paixão de Cristo, o dogma da *Theotokos* e a devoção mariana são os componentes explorados na arte sacra, são estes os símbolos que edificam uma propagação oportuna de alguns ideais cristãos pela contemplação dele.

Em suma, tal trabalho apresentou em suas seções tanto as relações entre catolicismo e imagens, quanto os simbolismos contidos em um ícone em específico. Todavia, novas pesquisas poderão ser realizadas para analisar novas artes e os mistérios contidos nelas, inclusive, novas perspectivas sobre os ícones da Mãe de Deus ou de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BURCKHARDT, Titus. **A arte sagrada no Oriente e no Ocidente**: princípios e métodos. São Paulo: Attar Editorial, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola. 2000.

COSTA, Christiane Gonçalves. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o arquétipo feminino. **Revista Mosaico – Revista de História**, v. 13, p. 72-80, 2020.

DAMASCENO, João. **Contra os iconoclastas**. In: MIGNE, Jacques-Paul (Ed.). *Patrologia Graeca*. Paris: Imprimerie Catholique, 1865. t. 99. col. 417C.

DE TOMMASO, Wilma Steagall. **O Pantocrator de Claudio Pastro**: importância e atualidade. São Paulo, 2013. 307p. Tese. Doutorado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/1897>>. Acesso em: 10 set. 2025.

DONADEO, Maria. **Ícones da Mãe de Deus**. Trad. Gemma Scardini. São Paulo: Paulinas, 1997.

HOPHAN, Otto. **João, o discípulo amado**. São Paulo: Quadrante, 2008.

LELOUP, Jean-Yves. **O ícone**: uma escola do olhar. Trad. Martha Gouveia da Cruz. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MIRANDA, Alyne Marinho César. Iconografia mariana: as primeiras imagens de Maria e a construção do seu modelo iconográfico. **Revista Galo**, n. 1, p. 13–24, 10 ago. 2020.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Rio de Janeiro: Valdemar Teodoro Editor, 2022.

OUSPENSKY, Léonide. **La théologie de l'icône dans l'Église orthodoxe**. Paris: Éditions du Cerf, 1980.

PASSARELLI, Gaetano. **O ícone da Mãe de Deus**. São Paulo: Ave-Maria, 1996.

PASTRO, Claudio. **A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço**. São Paulo: Paulus, 2010.

PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos**. Trad. Vera Camargo Guarnieri. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCOMPARIM, Almir Flávio. **A iconografia na Igreja Católica**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

THAYER, Mary Dixon. **The child on his knees**. New York: The Macmillan Company, 1926.

Alan Marques de Pinho

Mestrando em Ciências da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora / MG – Brasil

E-mail: alanmarques075@gmail.com

Recebido em: 24/11/2025

Aprovado em 24/06/2026